

# LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

**Jailma do Ramo BARBOSA (UEPB)**  
[jailmabarbosa\\_20@hotmail.com](mailto:jailmabarbosa_20@hotmail.com)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kalina Naro GUIMARÃES (DLA/UEPB)**  
[kalinaro@gmail.com](mailto:kalinaro@gmail.com)

Este trabalho tem o objetivo de discutir as práticas de leitura literária no ensino Médio, a partir da vivência numa escola da rede pública, de Campina Grande. Mediante uma pesquisa etnográfica, buscamos comparar as teorias sobre o ensino da literatura estudadas no Estágio Supervisionado III, componente oferecido pelo Departamento de Letras da UEPB, com a prática da professora monitorada nesse estágio, evidenciando as aproximações e os distanciamentos entre teoria e prática. Para embasar nossa análise, dialogamos com os documentos oficiais (PCN, 2000; OCEM, 2008) e os seguintes autores: Rangel (2008), Rossi (2005), Martins (2006), Pinheiro (2006), Cosson (2009). Por fim, o artigo apresenta uma proposta para a abordagem de crônicas literárias no âmbito do Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Ensino literário. Teoria. Prática.

## 1 Introdução

O ensino de literatura é de extrema importância na construção social e intelectual dos seres humanos. Por isso, esse trabalho tem como objetivo analisar e discutir algumas práticas de ensino de literatura no Ensino Médio, além de descrever as experiências vividas no Estágio Supervisionado III, disciplina ofertada no curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. Nosso propósito foi fazer um contraponto entre a prática da professora, monitorada durante vinte aulas conforme exigência do Estágio, e as teorias estudadas neste componente. Por fim, apresentamos uma proposta para a abordagem de crônicas literárias no Ensino Médio.

O nosso trabalho foi realizado em duas etapas. A primeira constou do estudo, na universidade, das teorias sobre ensino de literatura. Na segunda, efetuamos o monitoramento de uma professora do Ensino Médio, de uma Escola Estadual de Campina Grande.

A análise das abordagens sobre a literatura observadas na escola teve como embasamento teórico os seguintes autores: Martins (2006), Pinheiro (2006), Cosson (2009). Também os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008) foram fundamentais para compreendermos a educação como uma ferramenta de formar e moldar cidadãos críticos, ativos na sociedade através de um ensino de literatura eficaz.

## **2 Problemas no ensino e ações para promover a escolarização adequada da literatura no Ensino Médio**

Por muito tempo, o ensino de literatura foi marcado pela tradição. Nesta, os conteúdos eram bastante sistemáticos e a leitura literária, muitas vezes, servia exclusivamente para a análise gramatical e a exercícios mecânicos, nos quais os alunos apenas copiavam as respostas do texto. Apesar de vários estudos disponíveis sobre a inadequação dessas práticas, ainda existem escolas com esse método de ensino tradicionalista, o que, certamente, não contribui para a formação de cidadãos críticos.

Muitas escolas preferem a divisão de professores por conteúdo: um professor para língua, um para literatura e outro para redação, o que, em muitos casos, gera um grande prejuízo para o aluno, pois esses professores trabalham como se essas disciplinas fossem estanques, quando elas deveriam estar interligadas, para uma maior aprendizagem do estudante.

Tratando a literatura como uma esfera dissociada do ensino de língua, o professor fragmenta a interação do aluno com a linguagem, uma vez que o literário e o linguístico não dialogam, dificultando a compreensão do aluno, por compartimentalizar (e distanciar) a experiência e o conhecimento.

Contraopondo-se a esta visão, Martins afirma que a literatura deve ser trabalhada em conjunto com as outras disciplinas e, principalmente, com os conteúdos de língua: “abordar a literatura, tendo em vista as noções de intertextualidade, interdisciplinaridade, transversalidade e intersemiose é, sem dúvida, uma premissa fundamental para que o aluno desenvolva uma compreensão mais crítica do fenômeno literário” (2006, p.87).

O ensino de literatura no nível médio centra-se na sistematização rígida de conteúdos, em que a divisão dos assuntos é feita segundo os três anos escolares. Nestes, os alunos estudam as escolas literárias e conhecem alguns autores e suas principais obras de modo, apenas, informativo. Dessa maneira, os estudantes não entram em contato com as obras desses autores, lendo-as e compreendendo-as.

Contudo, sendo a leitura literária o objetivo principal do ensino da literatura, “faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência

literária” (OCEM, 2008, p.55). Essa experiência literária só é possível quando o aluno tem contato com as obras literárias, pois só assim ele a conhece e tem capacidade de opinar sobre os textos: “Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo humanizado será” (OCEM, 2008, p.60).

Para que os alunos tenham interesse de ler os textos literários, é necessário que o professor saiba atraí-los para a leitura. Isso pode ser feito por meio de uma seleção de textos diversificados, de acordo com o gosto da turma, pois “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leituras” (COSSON, 2009, p.35). Contudo, apesar de importante, somente a seleção de bons textos não será eficaz para promover experiências significativas com a literatura na escola, pois é essencial a maneira como estes textos são abordados em sala de aula, ou seja, a metodologia de ensino.

O ensino de literatura no ensino médio é marcado pela prática informativa, ou seja, os assuntos a serem trabalhados são sempre os mesmos dispostos nos livros didáticos: o estudo de movimentos literários em uma ordem cronológica para os três anos do ensino médio. Nessa abordagem, prioriza-se o contexto da época e a escola literária, autores representativos de cada movimento, sua vida e obra. Nota-se, aqui, um ensino insuficiente para desenvolver nos alunos o gosto pela literatura, pois, dessa forma, não estão ensinando literatura. Segundo Martins (2006, p.91), “ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária”.

O modo como algumas escolas vêm tratando a literatura é inadequado, pois focaliza, quase sempre, apenas as obras clássicas e os estudos realizados priorizam a história literária. Conforme Martins (2006, p. 90), “é preciso que a escola incentive a leitura de obras clássicas, mas o ensino de literatura não pode ficar confiando apenas à tradição clássica”. Concordando com essa autora, é preciso mostrar aos alunos que a literatura é muito mais ampla e que existem vários escritores bons que fazem parte da literatura, mas não estão no cânone literário. Portanto, a seleção literária deve ser a mais variada possível, para dar conta da multiplicidade e riqueza da literatura.

A literatura precisa ser trabalhada de forma interdisciplinar na sala de aula para que o aluno compreenda a importância dela na sua formação sócio-cultural. Entretanto,

“essa visão da literatura como disciplina que envolve e correlaciona outras áreas do conhecimento (história, filosofia, geografia etc.) ainda precisa ser mais difundida no espaço escolar” (MARTINS, 2006, p.86).

Ainda segundo a autora, “é necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade” (2006, p.90). Porém esse entendimento só será possível com um ensino diversificado e mais profundo da literatura, ou seja, uma abordagem que trabalhe obras literárias diferentes, mas também a dimensão social e estética dos textos, oportunizando ao aluno interagir com eles.

Tratando de leitura literária na escola, observa-se que alguns textos contidos nos livros didáticos – recurso que, na maioria das vezes, é a única ferramenta que o professor utiliza para ministrar suas aulas –, estão fragmentados. Frequentemente, as leituras de poemas e contos são feitas por partes, e dificilmente o aluno tem contato com o texto completo, pois muitos professores estão mais preocupados em fazer com que o aluno classifique as obras e os autores nas devidas escolas literárias, responda a algum exercício ou ficha de leitura.

Obviamente, nossa intenção não é sugerir a abolição do livro didático do ambiente escolar, mas chamar atenção para que ele sirva de apoio para o professor e não seja o seu único recurso, “pois é necessário diversificar os recursos didáticos para atrair o aluno ao estudo literário” (MARTINS, 2006, p.23).

*A escolarização adequada da literatura* (SOARES, 2006) propicia a formação de leitor, pois estimula o interesse do aluno pela leitura das obras na íntegra, ação que pode ser favorecida pelo docente. Segundo Bordini e Aguiar (1983; *apud* Martins 2006), o grande problema do ensino da literatura não se limita aos conteúdos da disciplina, mas se refere, sobretudo, ao modo como eles são abordados em sala de aula, revelando, não raro, uma ausência reflexão metodológica do professor.

É necessário que a escola abra espaço para leitura literária, não de textos fragmentados, mas de obras completas. Uma sugestão seria o trabalho com textos mais curtos como contos e poemas, pois como nos lembra Pinheiro (2006, p. 114): “A escola é o lugar da leitura e da discussão. E não há problema nenhum em passar 10 ou 15 minutos lendo um conto e depois discutindo aspectos de sua linguagem, atitudes de determinados personagens, ideologias escondidas em certos gestos e algumas falas”.

Para a formação de alunos leitores, o papel do professor é fundamental, pois é ele quem, geralmente, indica e seleciona os textos que os educandos vão ler. Neste

contexto, cabe ao educador conhecer cada livro indicado, ler obras de diferentes temas e gostos e recomendá-las aos alunos para que estes interajam com os textos e com os demais colegas-leitores, discutindo sobre o que leram. Essa diversidade de temas possivelmente irá despertar no aluno o gosto de ler o livro, sobretudo quando algum colega já o leu (estamos falando de uma espécie de “círculo de leitura”, em que todos devem ler obras diferentes, trocá-las e discuti-las em sala). Essa é uma das formas de o professor incentivar o crescimento dos alunos como leitores. Por fim, são úteis essas palavras de Cosson (2009, p. 35): “Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas”. Ou seja, é com leituras diferentes e com textos desafiadores que os alunos irão amadurecer como leitores.

### **3 O Estágio Supervisionado no Ensino Médio e a Formação do Professor de Literatura: teoria e prática em diálogo**

O Estágio Supervisionado III é um dos quatro componentes do Curso de Letras da UEPB dedicados à prática docente na Educação Básica. No caso deste Estágio, seu objetivo é o de monitorar as atividades de ensino de um professor em turmas de Ensino Médio, a fim de que nós, diante da prática observada, possamos problematizar as teorias estudadas na academia, e, na interface teoria e práxis, compreendamos algumas formas mais adequadas de trabalhar a literatura no ensino médio.

Nosso estágio foi realizado numa escola estadual em Campina Grande, com início no dia 07 de outubro e seu término no dia 21 de novembro de 2013, e constou de monitoria em quatro turmas de 2º ano Médio.

O nosso papel nas turmas foi o de observar e auxiliar a professora em algumas atividades em sala de aula. Quanto à turma, notamos que, em sua maioria, os alunos eram muito dispersos e que a professora se esforçava pouco para melhorar o interesse deles sobre a literatura. As atividades eram sempre do livro didático e a correção dos exercícios era feita oralmente: a tarefa do aluno era apenas copiar as respostas corretas oferecidas pela professora, que ministrava suas aulas, quase sempre sentada.

Notamos, pois, que professora tem uma visão e métodos tradicionais de ensino, lançando mão das mesmas estratégias (o uso do livro didático) para a ministração das aulas, que, conseqüentemente, se tornam cansativas, o que talvez explique a dispersão dos

educandos. Segundo Martins (2006, p. 93), “tudo depende da formação do professor e de sua habilidade para transformar o livro didático em aliado na motivação dos alunos em sala e não em apenas um único recurso que, utilizado à exaustão, pode tornar as aulas cansativas”.

Sendo tão apegada ao manual didático, a professora praticamente não trabalhava com literatura, e quando, numa única vez, ela ministrou “aula de literatura” durante nosso estágio, limitou-se a aplicar um exercício do livro didático sobre uma escola literária. Numa conversa informal com os alunos, eles nos confidenciaram que, durante todo o ano, quase não leram texto literário por completo, nem mesmo poemas pequenos: os poucos textos vistos foram os do livro didático.

Nesse ponto notamos a pouca atenção dada ao ensino de literatura, pois os alunos dessas turmas quase não tiveram contato com as obras literárias, e quando este encontro aconteceu foi por meio de fragmentos. Sobre esse tipo de trabalho com a literatura em sala de aula, Martins (2006, p.92) nos alerta que “a leitura literária como qualquer outra prática de leitura, não deveria se restringir ao livro didático, pois os alunos começam a ler apenas os fragmentos de textos apresentados nos manuais didáticos sem, muitas vezes, conhecerem as obras originais”, o que não contribui para a formação de leitor e de cidadão crítico, conforme objetiva o ensino atualmente.

Comparando as teorias estudadas na academia e as práticas de ensino da docente em monitoramento, podemos notar o quão longe ela está do que propõem as novas perspectivas para um ensino literário de qualidade. Isto porque as aulas dedicadas à literatura são reduzidas (ou pouco acontecem) e o texto literário não é trazido como objeto de leitura e de discussão, pois seu lugar é ocupado por exercícios mecânicos que não despertam o interesse do aluno no ato de ler. Portanto, a docente, embora trate seus alunos com respeito e, até mesmo, afeto, pouco contribui para a formação leitora dos educandos.

#### **4 Crônica literária na sala de aula: uma proposta para formação de leitores literários**

A leitura de textos curtos como a crônica é um grande aliado do professor para desenvolver nos alunos o gosto de ler, visto que ela pode ser lida e discutida em sala de

aula, em pequeno espaço de tempo. Para que os alunos se interessem efetivamente pela leitura é necessária que ela seja promovida de forma interativa e compartilhada, com exposição de opiniões e discussão, pois “é da troca de impressões, de comentários partilhados, que vamos descobrindo muitos outros elementos da obra; às vezes, nesse diálogo mudamos de opinião, descobrimos outra dimensão que não havia ficado visível num primeiro momento” (OCEM, 2008, p.68).

A crônica é um texto que geralmente chama atenção do leitor, por tratar de fatos ligados ao cotidiano, podendo estar, assim, diretamente ligada à realidade dos alunos. Dessa forma, torna-se interessante trabalhar com esse gênero na escola, não só pela sua atualidade, mas também pelas amplas possibilidades de abordagem que esse tipo de texto evoca, uma vez que nele podemos encontrar a narração, ironia, subjetividade, figuras de linguagem entre outros aspectos que dão especificidade a esse gênero, híbrido por vocação.

Dessa maneira, propomos aqui um trabalho com “A última crônica”, texto de Fernando Sabino publicado no livro “A companheira de viagem”, em 1965. Nosso objetivo é estimular a leitura em sala de aula despertando o interesse dos discentes pelo texto literário, como também partilhar conhecimentos acerca desse gênero. Num primeiro momento, pensamos numa leitura oral feita pelo professor ou em parceria com os estudantes. Após isso, o tema do texto seria discutido, em relação com as experiências dos alunos. Por último, evidenciaríamos, a partir das próprias observações estudantis, as características presentes nesta obra. Durante todo o processo, os alunos seriam chamados a participar, construindo, aos poucos, um conceito de crônica.

Passemos, agora, ao detalhamento das ações. Primeiramente, o texto “A última crônica” seria lido, coletivamente, e analisado segundo indagações do professor e, sobretudo, as inquietações dos estudantes sobre a situação narrada, linguagem e a relação da trama com a própria realidade. Alguns aspectos parecem exigir uma maior atenção dos leitores, dentre estes destacamos: o aniversário da criança no botequim e o porquê desta comemoração ter sido neste espaço e não na casa da família.

A partir desta questão, estimularíamos os alunos a construir suas hipóteses. Em seguida, perguntaríamos aos alunos se já passaram por uma situação parecida ou se conhecem alguém que já passou por algo semelhante; chamaríamos atenção para a trivialidade que é o aniversário de uma criança – pois todos os dias alguma criança faz aniversário –, mas ressaltando a ação do autor de salientar o fato de os pais terem

comprado apenas uma fatia de bolo para toda a família; a partir disso, indagaríamos os alunos sobre as condições sociais das personagens e se é possível retirarmos algum aprendizado dessa crônica.

Após essa discussão geral, iríamos focar o texto mais detalhadamente, observando, especialmente, a maneira como são narrados os acontecimentos na crônica: a forma como o autor narra a trama, dando, inclusive, alguns detalhes sobre o acontecido, transformando um evento cotidiano em algo digno de ser registrado e refletido. Através disso, tentaríamos relacionar a discussão à apresentação de algumas características da crônica, buscando menos identificar esses traços do que compreendê-los, no conjunto da trama, a saber: as personagens, o tempo e o espaço.

Com o fim de aprofundarmos a leitura da crônica em perspectiva, faríamos uma comparação deste texto com “O último poema”, publicado na obra “Libertinagem”, em 1930, por Manoel Bandeira. Efetuáramos uma leitura individual e coletiva do poema, analisando sua temática, de modo a aproximá-la ou distanciá-la do texto de Sabino. Também indagaríamos à turma sobre uma possível “influência” entre esses textos, conversando um pouco sobre o diálogo estético e temático que pode haver entre os grandes escritores.

O foco das leituras e discussões dos textos é incentivar a participação dos alunos na aula, como também trabalhar a literatura de forma interativa. Por isso, levantaríamos apenas alguns pontos a serem abordados nos encontros, deixando espaço para que, nas discussões, possam surgir outros aspectos, ao gosto dos alunos.

A escolha de abordar a crônica de Fernando Sabino se deu porque “a crônica deve escolher um fato capaz de reunir em si o disperso conteúdo humano, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: ensinar, comover e deleitar”(SÁ, 2008, p.22). E esse princípio nós encontramos nas crônicas de Fernando Sabino.

Por fim, salientamos que a crônica, ao ser trabalhada em sala de aula, deve ser lida mais de uma vez e de forma diferente, de maneira a incentivar a observação sobre o cotidiano, mas também sobre o conteúdo humano mais crítico que pode estar metido entre as trivialidades da vida, pois como nos lembra Sá (2008, p. 79) “a crônica apesar de toda simplicidade só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação”.



## **5 Considerações finais**

As aulas de literatura no ensino médio devem ter seu espaço e precisa, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, desenvolver nos discentes as competências necessárias para que eles sigam com os estudos rumo à faculdade ou partindo para a vida profissional, pois o ensino médio deve proporcionar ao estudante “integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia no caminho de seu aprimoramento profissional” (OCEM, 2008, p.17). Entretanto, o que temos observado é que o ensino de literatura nas escolas não tem, de modo geral, desenvolvido nos discentes estas competências, na medida em que as aulas não propiciam ao aluno uma visão crítica e reflexiva.

Como observamos no presente trabalho, o ensino de literatura é trabalhado de forma inadequada e insuficiente para a formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade, pois à medida que fomos comparando a prática da professora em monitoramento com as teorias estudadas na academia percebemos o quão longe está essa docente das práticas consideradas adequadas para o desenvolvimento do aluno, como ser capaz de interagir com a sociedade. Mas, infelizmente, o problema parece ser bem maior, pois são muitos os casos em que a literatura é abordada de forma superficial nas escolas públicas (e também privadas).

Como forma de contribuir com uma sugestão didática para uma abordagem mais interativa da literatura na escola, foi proposto o trabalho com o gênero crônica como uma estratégia para formar leitores literários, na medida em que privilegiamos a leitura do texto e a discussão da obra com os alunos, mostrando que não basta apenas selecionar bons textos é necessário abordá-los eficientemente em sala de aula.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares Para Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Língua Portuguesa*/Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Ivanda. A Literatura no Ensino Médio: Quais os desafios do Professor? . In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (ORG.) *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

PINHEIRO, Helder. *Reflexões Sobre o Livro Didático de Literatura*. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (ORG.) *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et. al. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.